



GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA

Famílias e Comunidades acolhedoras e missionárias

Que Igreja queremos?

Se fizermos uma radiografia da vida da Arquidiocese, podemos cair na ilusão de que se trata de uma simples estrutura com diversificadas iniciativas. Centramo-nos naquilo que a catequese faz, preocupamo-nos com um bom funcionamento da liturgia, comprometemo-nos em variadíssimos âmbitos da caridade, incentivamos os movimentos e os departamentos a realizarem eventos marcantes. É recorrente dizer-se que a Igreja não é uma agência de serviços mas, inconscientemente, deixamo-nos levar pela voragem de fazer coisas e pensamos que, diante dos diferentes problemas, o que importa é fazer coisas mais ou menos bem preparadas.

Se é isto que descortinamos, de modo espontâneo, na vida da arquidiocese, importa centrarmo-nos no essencial e inverter a hierarquia das coisas. Urge dar prioridade à experiência da fé e incentivar caminhos de concretização da vocação à santidade. Foi este desejo que me levou a publicar uma carta pastoral intitulada "Uma alma para o corpo da Igreja", a publicar no dia do padroeiro secundário da Arquidiocese, São Martinho de Dume. Na verdade, como sabemos, o mundo contemporâneo exige muito da Igreja. Mas qualquer ação que realize, se não partir do encontro com Cristo, será inconsistente. No mundo marcado pela secularização, a diferença que a Igreja pode oferecer, e todos os seus membros, passa por um testemunho coerente de vida cristã.

Importa ser um discípulo intimamente vinculado a Cristo. Ele – que é o mesmo ontem, hoje e sempre – é o tesouro único da Igreja. Não pode tornar-se numa mera recordação histórica que suscitou e provocou

alguns sentimentos. Ele é uma pessoa muito concreta com quem é necessário alimentar uma amizade verdadeira para depois interpretar a vida, eclesial ou social, a partir da alegria que o encontro provoca.

Ninguém ignora que esta experiência de intimidade nasce da Palavra de Deus. Os textos sagrados não são letra morta. Quando são escutados e refletidos, transmitem uma novidade que preenche a nossa existência com alegria e encanto. A Palavra deve ser lida e escutada num tempo favorável e em momentos determinados. Pretende-se com isto dizer que é necessário reservar tempo para escutar a Palavra. De certo não é tarefa fácil, sobretudo em dias de maior agitação, mas é importante esta exigência pessoal.

Ao mesmo tempo, sabemos que ser cristão é também o resultado de uma experiência comunitária. Deus é Trindade e a Igreja, sacramento de Cristo, não tem outro modo estar no mundo senão testemunhando Deus a partir da comunhão. Isto conduz-nos inevitavelmente ao encontro com a Palavra refletida em grupo. Juntos escutamos com o coração, compreendemos com a inteligência, partilhamos experiências concretas e assumimos compromissos para o dia-a-dia.

Com este horizonte, reconhecemos que a comunidade não ganha forma apenas nas celebrações litúrgicas. É necessária coragem para encontrar tempo, mesmo numa vida sobrecarregada, que nos permita constituir e integrar pequenos grupos de encontro com a Palavra. Estes encontros poderão acontecer tanto nas igrejas paroquiais como, por exemplo, à imagem das primeiras comunidades cristãs, reproduzidas no livro dos Atos dos Apóstolos, nas casas particulares. Também estas são "eclesiolas", pequenas igrejas.

Quando era responsável por uma comunidade particular, também eu procurei dar-lhe este ritmo. A Palavra era o coração de toda a atividade. Congregava e corresponsabilizava os chamados grupos da Palavra de Vida. Este nome indicava os objetivos que se pretendiam. Hoje, após uma longa caminhada eclesial, chegamos, de modo sinodal, aos **Grupos Semeadores da Esperança**. Acredito que com eles seremos capazes de provocar um verdadeiro encontro com Jesus. Encontro esse que impulsionará muitas iniciativas pastorais e impulsionará um testemunho alegre e consistente. Como diz o Evangelho, “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Para mim, estes grupos poderão ser uma espécie de marca da Igreja que todos procuramos. É uma aventura divina que, a partir do compromisso e vontade dos cristãos, provocará uma mudança nas comunidades paroquiais, departamentos e movimentos. A Igreja resplandecerá então como presença de Cristo e não mera empresa que oferece coisas das quais a sociedade hodierna se vai afastando.

Tudo isto que escrevi são coisas repetidas e conhecidas de todos. No dia em que escrevo estas breves reflexões, o Evangelho da Missa recordava-me: “tocamos flauta para vós e não dançastes, entoamos lamentações e não chorastes” (Lc 7,32). Dancemos alegremente e, em espírito arquidiocesano, façamos a experiência dos grupos “Semeadores da Esperança”. Estes subsídios que agora colocamos nas vossas mãos são apenas um pequeno contributo para despertar a criatividade, criar sintonia e, em última circunstância, ajudar a que o Espírito Santo fale ao coração de cada um.

† *Jorge Ortiga*, Arcebispo Primaz

GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA

Escutar juntos e em todos os momentos da vida a Palavra de Deus, principalmente nas ocasiões importantes da vida pessoal e familiar, deixando-nos “visitar” (como Maria) pela Palavra, para que ela nos envolva e nos converta.

Trata-se de procurar ouvir a Palavra de Deus juntamente com os que estão à nossa volta, deixando que dê sentido à vida, para que sejam vividas com beleza as circunstâncias festivas e enfrentados com coragem os momentos de prova e sofrimento. É para isto que é bom e belo multiplicar os “Grupos Semeadores de Esperança” na nossa Arquidiocese.

Mediante a Palavra, a comunidade cristã oferece ao mundo uma mensagem concreta como chave para a interpretação da vida e da história humanas, fazendo dos cristãos “profetas de sentido e inimigos do absurdo” (Paul Ricoeur), semeadores, anunciadores e testemunhas da Esperança!

Somos, portanto, convocados para um percurso pascal do «eu» (individualista) ao «nós» (eclesial), onde cada um, revestido de Jesus Cristo (cf. Gálatas 2, 20), vive e caminha com as irmãs e os irmãos, todos responsáveis pela única missão da Igreja, «povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai» (EG 114).

Ao reunir em pequenos grupos para a escuta da Palavra e para que a Palavra se faça vida e a nossa vida se faça Palavra, descobriremos a verdade das afirmações do Papa Francisco: «A Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever. [...]. A Igreja deve aceitar esta liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob

formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas» (EG 22).

A partir da escuta, vivência e partilha orante da Palavra de Deus é possível **“tecer” comunidades que sabem acolher e que procuram sair em missão a semear a esperança.**

Tema 1 “Acolher do Dom do Espírito” (At 2, 1-13)

Tema 2 “O acolhimento mútuo” (At 2, 42-47)

Tema 3 “O acolhimento dos desprezados” (At 8, 26-40)

Tema 4 “Pedro acolhido por Cornélio” (At 10, 23b-43)

Tema 5 “De acolhedora da Palavra a acolhedora da Igreja” (At 16, 11-15)

Tema 6 “O acolhimento diferido” (At 17, 22-34)

Tema 7 “Acolher quem vem em nome do Senhor” (At 28, 11-31)

Reflexões para os animadores e para quem desejar

Primeiro tema:

"Acolher o dom do Espírito" (At 2, 1-13)

Na manhã de Pentecostes, "encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar" (At 2, 1). Paralisados com o sentimento de derrota e com o medo, precisavam de uma força do alto que abrisse horizontes, fizesse renascer a esperança e gerasse audácia evangelizadora.

Oração inicial

Envia-nos, Senhor, o Teu Espírito!...

Que Ele queime as portas que nos fecham nas salas da nossa tranquila piedade; varra dos nossos olhos a tibieza que enfraquece os nossos dias; assobie nas janelas por onde não queremos deixar passar a voz da rua.

Envia-nos, Senhor, o Teu Espírito!...

Que Ele nos dê a coragem de saltar fronteiras; nos incomode nos sítios e modos onde queremos ficar; nos faça capazes da escuta e testemunhas fiéis do Evangelho.

**Concede-nos, com o Teu Espírito,
a sabedoria que Te distingue,
o entendimento que se extasia,
o conselho que aperfeiçoa,
a ciência que Te procura,
a piedade que Te ama
e o temor de Te perder.**

Amen

Leitura do texto (At 2, 1-13)

¹Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. ²De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam.

³Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. ⁴Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.

⁵Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. ⁶Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua.

⁷Atónitos e maravilhados, diziam: «Mas esses que estão a falar não são todos galileus? ⁸Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna? ⁹Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, ¹⁰da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia cirenaica, colonos de Roma, ¹¹judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!»

¹²Estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, diziam uns aos outros: «Que significa isto?» ¹³Outros, por sua vez, diziam, troçando: «Estão cheios de vinho doce.»

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

1. Como reajo nas derrotas e em situações de medo?
2. Estou atento aos sinais da natureza e da história e percebo neles a ação de Deus?
3. Procuo que a Palavra de Deus me transforme, no sentido de fazer renascer a esperança e de gerar audácia evangelizadora?

Pistas para reflexão

1. *Do Pentecostes hebraico ao cristão.* O Pentecostes era uma festa muito antiga, em Israel (cfr. Lv 23, 15-22; Nm 28, 26-31 e Dt 16, 9-12). Em alguns ambientes judaicos, já no século II a. C., esta festa tinha-se transformado na celebração comemorativa da aliança no Sinai. Depois da destruição do templo de Jerusalém (70 d. C.), também os fariseus lhe atribuíram esse sentido.

Acolher a lei é condição de vida para a comunidade renovada e santa. É provável que Lucas tenha isto em vista, quando faz coincidir o dom do Espírito, que inaugura tempos novos, com a festa da aliança no Sinai, que faz memória de tempos antigos.

2. *A experiência do Espírito.* Lucas descreve a manifestação do Espírito (pneumatofania) com os símbolos clássicos da ação poderosa e soberana de Deus: o vento e o fogo. O Espírito é dom de Deus e apresenta-se como uma força irresistível que desce sobre cada um deles e os torna comunicadores de uma mensagem que, expressa em diferentes línguas, é por todos compreendida. Fica assim realçada a universalidade que caracteriza o tempo do Espírito e a habilitação profética do novo povo.

3. *A nova humanidade.* Lucas identifica quais os destinatários do acontecimento: os representantes do mundo judaico dispersos entre todos os povos, judeus piedosos que, em Jerusalém, esperavam a libertação messiânica.

As nações do mundo conhecido de então (ver o elenco dos povos) são chamadas a Jerusalém para serem testemunhas da nova época histórica que se abre com a vinda do Espírito. O novo povo apresenta-se com um horizonte universal e ecuménico porque congregado pela força do Espírito (esta nova situação aparece em contraponto com a dispersão dos povos e a confusão das línguas, em Babel [Gn 11, 1-9]). A leitura de At 2, 14-36 pode ajudar a compreender melhor o sentido e o alcance deste texto.

Questões para o compromisso

1. Estou disposto a inserir-me mais e melhor na comunidade para fazer a experiência da vinda e da ação do Espírito?

2. Como vou fazer da Sagrada Escritura a chave de leitura dos sinais da natureza e da história?

3. Estou consciente de que a fé e a esperança convivem bem com as perguntas? Estou disposto a fazer das interrogações um modo de aprofundar a fé e de crescer na esperança?

Canções:

Ilumina-me, Senhor, com Teu Espírito

Espírito Santo, vem, vem!

Estaremos aqui reunidos

Segundo tema:

"O acolhimento mútuo" (At 2, 42-47)

Movida pela força do Espírito, a comunidade cristã é apresentada neste "sumário" (os outros são 4, 32-35 e 5, 12-16) sob o signo da assiduidade, nas quatro dimensões que a estruturam e caracterizam. É um retrato ideal, mas não deixa de ser paradigma para as comunidades cristãs de todos os tempos.

Oração inicial

Hoje vimos pedir-Te, Senhor, a graça de escutar como escutam os discípulos:

escutar com o coração a Tua Palavra – não para sabermos doutrina mas para vivermos de Ti;

escutar-Te nos profetas do desassossego – esses homens e mulheres apaixonados por Ti e pelos irmãos e cuja paixão não lhes permite o silêncio;

escutar-Te nas alegrias e dores da comunidade – libertos do individualismo que desconhece o outro como lugar de encontro;

escutar-Te na oração que se ouve ou no silêncio contemplativo – pois desejas estar e ceiar conosco...

Sim, pedimos-Te a graça de escutar como escutam os discípulos – para que sejamos capazes de parar, olhar, sentir e agradecer. E, depois da escuta, assumir a coragem da obra coerente!...

Amen.

Leitura do texto (At 2, 42-47)

⁴²Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. ⁴³Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. ⁴⁴Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. ⁴⁵Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um.

⁴⁶Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

1. Sou assíduo à comunidade, nas dimensões fundamentais da sua existência e expressão (ensino dos apóstolos, comunhão fraterna, fracção do pão e orações)?
2. Valorizo estas dimensões por igual ou dou mais relevo a umas do que a outras?
3. Procuo respeitar a ordem em que são enunciadas?

Pistas para reflexão

1. *Ensino dos Apóstolos.* Depois do primeiro anúncio, os cristãos precisavam de aprofundar os conteúdos da fé a que tinham aderido, mediante a instrução recebida dos Apóstolos (cfr. At 2, 1-41), garantes da revelação histórica de Deus, em Jesus Cristo. A releitura das Escrituras à luz dos ensinamentos e dos acontecimentos da vida de Jesus permite o aprofundamento e a interpretação da Palavra escutada.

2. *Comunhão fraterna.* A comunhão fraterna é a união espiritual dos crentes baseada na mesma fé e no mesmo projeto de vida. Traduz-se na partilha dos bens, de forma a colmatar as carências (2, 44-45). A lógica da propriedade é substituída pela da participação e solidariedade.

3. *Fração do pão.* A expressão não apenas aponta para o gesto ritual do início das refeições judaicas, mas designa a celebração da Eucaristia. A fração do pão era acompanhada de alegria (atitude festiva que acompanha a experiência ou a esperança da libertação ou salvação messiânica) e de simplicidade de coração (expressão religiosa para definir a atitude de dedicação sincera e íntegra a Deus, sem desvios).

4. *Orações.* Trata-se das orações que conferem caráter sagrado aos diferentes momentos do dia do judeu piedoso: a profissão de fé no início e no final do dia, e a ação de graças antes das várias ações, assim como as orações do templo (2, 46; 3, 1). A referência ao templo é importante porque ele é, para Lucas, o centro da história de salvação, a fazer a continuidade entre a nova comunidade messiânica e a antiga história da salvação.

Para o compromisso

1. Estou disposto a integrar a comunidade em todas as suas dimensões?
2. Como vou valorizar e potenciar a união e a partilha?
3. O que estou decidido a fazer para que a celebração da eucaristia seja alegre e celebrada com simplicidade de coração?

Canções:

Cristo quer a tua ajuda
O amor de Deus repousa em mim
Fica Junto a nós

Terceiro tema:

"O acolhimento dos desprezados" (At 8, 26-40)

Com um relato muito semelhante, na sua sequência, ao dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), eis-nos perante uma nova etapa na progressiva expansão da Igreja: o evangelho alcança um pagão convertido ao monoteísmo, representante de um grupo humano (os eunucos) considerado pelo judaísmo ortodoxo como estranho e excluído da comunidade e da salvação.

Oração inicial

Senhor Jesus, o Teu nome é Deus conosco.

Como o Pai, a Tua alegria é estar com os filhos dos homens, partilhando as suas vidas – exceto o seu pecado.

Como o Pai, procuras, nos caminhos e nos atalhos, os nomes tatuados na palma da mão.

Próximo, tocas e perguntas; e vês no rosto de um publicano um coração de apóstolo.

Não queres o poder para derrotar César, pois o amor gratuito é a Tua força.

Não conheces impurezas rituais e desejas que seja adiada toda a oferta que esqueceu a caridade.

Senhor Jesus, Bom Pastor,

ensina-nos a estender o olhar para além das grades do redil;

ensina-nos a procurar, vencendo a tentação de escritório aberto numa espera amorfa;

ensina-nos a semear sem pressa de colher;

Ensina-nos que todas as horas são horas para propor a Vida e qualquer tempo é tempo de Deus!...

Amen.

Leitura do texto (At 8, 26-40)

²⁶O Anjo do Senhor falou a Filipe e disse-lhe: «Põe-te a caminho e dirige-te para o Sul, pela estrada que desce de Jerusalém para Gaza, a qual se encontra deserta.» ²⁷Ele pôs-se a caminho e foi para lá. Ora, um etíope,

eunuco e alto funcionário da rainha Candace, da Etiópia, e superintendente de todos os seus tesouros, que tinha ido em peregrinação a Jerusalém, ²⁸regressava, na mesma altura, sentado no seu carro, a ler o profeta Isaías.

²⁹O Espírito disse a Filipe: «Vai e acompanha aquele carro.»

³⁰Filipe, ocorrendo, ouviu o etíope a ler o profeta Isaías e perguntou-lhe: «Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler?» ³¹Respondeu ele: «E como poderei compreender, sem alguém que me oriente?» E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele. ³²A passagem da Escritura que ele estava a ler era a seguinte:

*Como ovelha levada ao matadouro,
e como cordeiro sem voz diante daquele que o tosquia,
assim Ele não abre a sua boca.*

*³³Na humilhação se consumou o seu julgamento,
e quem poderá contar a sua geração?*

Da face da terra foi tirada a sua vida!

³⁴Dirigindo-se a Filipe, o eunuco disse-lhe: «Peço-te que me digas: De quem fala o profeta? De si mesmo ou de outra pessoa?» ³⁵Então, Filipe tomou a palavra e, partindo desta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Boa-Nova de Jesus. ³⁶Pelo caminho fora, encontraram uma nascente de água, e o eunuco disse: «Está ali água! Que me impede de ser baptizado?» ³⁷Filipe respondeu: «Se acreditas com todo o coração, isso é possível.» O eunuco respondeu: «Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.»

³⁸E mandou parar o carro. Ambos desceram à água, Filipe e o eunuco, e Filipe baptizou-o. ³⁹Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe e o eunuco não o viu mais, seguindo o seu caminho cheio de

alegria. ⁴⁰Filipe encontrou-se em Azoto e, partindo dali, foi anunciando a Boa-Nova a todas as cidades, até que chegou a Cesareia.

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

1. Lido bem com as pessoas de condição diferente?
2. Sinto necessidade da catequese e de um guia espiritual?
3. Que importância dou à Palavra de Deus na celebração dos sacramentos?
4. Percorre o texto uma dinâmica litúrgica mais ou menos evidente. Qual será?
5. Será este texto um exemplo paradigmático da primitiva releitura cristã das Escrituras?

Pistas para reflexão

1. *“O anjo do Senhor... o Espírito do Senhor”*. Como sempre acontece na história bíblica, é Deus quem, de forma mediada, guia a ação daqueles a quem é confiada uma missão. Dito de outro modo, o progresso da missão cristã é obra do próprio Deus, como o sugere a referência ao anjo do Senhor e ao Espírito do Senhor.

2. *“Eunuco etíope”*. É demorada a caracterização que Lucas faz do eunuco etíope. Dela se percebe facilmente que estamos perante alguém com uma função social elevada e acrescidos encargos. Pelo facto de ser eunuco, estava excluído da assembleia (cfr. Dt 23, 2), mas não deixava de ser um homem de sensibilidade e abertura religiosa. Regressa de Jerusalém, onde fora em peregrinação, a ler Is 53, 7-8.

3. *“Compreendes verdadeiramente o que estás a ler?”*. É esta pergunta que abre caminhos à dinâmica da fé, já que, ao suscitar uma resposta que também ela é uma pergunta (“E como poderei compreender, sem alguém que me explique?”), nos coloca perante a sequência do caminho cristão: encontro, anúncio, catequese, batismo. Se, por um lado, se sublinha a importância das perguntas, por outro realça-se a necessidade de um guia espiritual que ajude a encontrar as melhores respostas e, depois disso, deixe de tornar-se necessário, porque a sua ação gerou pessoas conscientes e autónomas, capazes de seguirem o seu caminho evangelizador com determinação e alegria.

Para o compromisso

1. Como me posicionarei, a partir de agora, perante as diferenças (cor, cultura, forma de pensar e de viver), no seio da comunidade cristã?

2. Tenho consciência de que a ação da Igreja é, no seu todo, conduzida por Deus, nas muitas mediações de que Ele se serve para o efeito?

3. Como passarei a encarar o percurso cristão? Valorizando-o nos seus momentos (encontro, anúncio, catequese, sacramentos) e respeitando as precedências?

Canções:

Sois a semente

A messe é grande

Eu irei cantar pelo mundo

Quarto tema:

"Pedro acolhido por Cornélio" (At 10, 23b-43)

A mensagem cristã continua a sua marcha e salta as barreiras impostas pela lei judaica, segundo a qual comer à mesa com estrangeiros era fonte de impureza. Além disso, havia alimentos considerados impuros. Se tudo foi criado por Deus e se a salvação é para todos, conclui-se facilmente que não alimentos impuro nem pessoas impuras.

Oração inicial

Ouvimos, Senhor, a Tua advertência: "Acautelai-vos do fermento dos fariseus!..."

Ouvimos; mas, são tantas as vezes em que deixamos que esse fermento leve a nossa massa:

na acepção de pessoas,

nos privilégios do nosso grupo,

na alegada superioridade do nosso movimento,

nos carismas entendidos como graças para uso privado,

nos ministérios como espaço de poder,

na tentação de escolhermos os profetas que deves enviar-nos...

Senhor, concede-nos a graça do acolhimento agradecido.

**Tu falas a nossa língua e vives as nossas circunstâncias.
Não Te isolas, mas procuras;
não possuis, mas dás-Te;
não ofendes, mas perdoas;
não condenas, mas salvas!...**

**Faz o nosso coração semelhante ao Teu.
Amen.**

Leitura do texto (At 10, 23b-43)

²³Então Pedro mandou-os entrar e deu-lhes hospedagem.

No dia seguinte, levantando-se, partiu com eles, e alguns irmãos de Jope acompanharam-no. ²⁴Chegou a Cesareia, um dia depois. Cornélio estava à espera deles com os seus parentes e amigos íntimos, que tinha reunido. ²⁵Na altura em que Pedro entrava, Cornélio foi ao seu encontro e, caindo-lhe aos pés, prostrou-se.

²⁶Mas Pedro levantou-o, dizendo: «Levanta-te, que eu também sou apenas um homem.» ²⁷E, a conversar com ele, foi para dentro, encontrando muitas pessoas reunidas.

²⁸Pedro disse-lhes: «Vós sabeis que não é permitido a um judeu ter contacto com um estrangeiro, ou entrar em sua casa. Mas Deus mostrou-me que não se deve chamar profano ou impuro a homem algum. ²⁹Por isso, não opus qualquer dificuldade ao vosso convite. Peço-vos apenas que me digais o motivo por que me mandastes chamar.»

³⁰Cornélio respondeu: «Faz hoje três dias, a esta mesma hora, estava eu em minha casa a fazer a oração das três horas da tarde, quando surgiu de repente um homem com uns trajes resplandecentes, diante de mim, ³¹e me disse: 'Cornélio, a tua oração foi atendida e as tuas esmolas foram recordadas diante de Deus. ³²Envia, pois, emissários a Jope e manda chamar Simão, cujo sobrenome é Pedro. Está hospedado em casa de Simão, curtidor, junto ao mar.' ³³Mandei-te imediatamente chamar e agradeço-te teres vindo. E, agora, estamos todos na tua presença para ouvirmos o que Deus te ordenou.»

³⁴Então, Pedro tomou a palavra e disse: «Reconheço, na verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, ³⁵mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável. ³⁶Enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a Boa-Nova da paz, por Jesus Cristo, Ele que é o Senhor de todos. ³⁷Sabeis o que ocorreu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: ³⁸como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele. ³⁹E nós somos testemunhas do que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém.

A Ele, que mataram, suspendendo-o de um madeiro, ⁴⁰Deus ressuscitou-o, ao terceiro dia, e permitiu-lhe manifestar-se, ⁴¹não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois da sua ressurreição dos mortos. ⁴²E mandou-nos pregar ao povo e confirmar que Ele é que foi constituído, por Deus, juiz dos vivos e dos mortos. ⁴³É dele que todos os profetas dão

testemunho: quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados.»

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

1. Aceito facilmente que a salvação seja um dom de Deus para todos?
2. Acolho os outros com facilidade, sem preconceitos e sem nada esperar em troca? Aceito com facilidade o acolhimento que me é oferecido?
3. Anuncio, de forma corajosa, a mensagem da salvação, seja em que circunstância for?

Pistas para reflexão

1. *Superar distâncias e tabus.* Pedro supera a distância geográfica que separa Jope de Cesareia e a distância espiritual que separa um judeu observante de um pagão. Supera também os tabus alimentares que impedem a comensalidade entre judeus e pagãos. Deste modo, se superam também os tabus sociais e raciais que dividem os dois grupos (a razão aparece no v. 28). Cornélio espera Pedro, vai ao seu encontro e prostra-se diante dele.

2. *Deus conduz os acontecimentos.* A troca e a comunicação recíproca das duas versões ou experiências servem para realçar a matriz comum das duas iniciativas que levaram ao encontro do judeu Pedro com o pagão Cornélio: a iniciativa divina, por um lado, e a oração de Cornélio, por outro. Pelo meio, Pedro assume-se como aquele que, na condição de enviado, faz a leitura dos acontecimentos.

3. *Uma síntese da história de Jesus.* O discurso de Pedro é uma boa síntese do anúncio do evangelho, da história e vida de Jesus, desde o batismo por João até à ressurreição e aparições pascais. Porque partilharam a vida com Jesus, os discípulos são testemunhas e anunciadores credíveis dos acontecimentos. Se é Deus quem os conduz, é pela boca de Pedro que estes são lembrados, relidos e propostos como objeto do anúncio.

Para o compromisso

1. Estou disposto a superar barreiras e tabus para gerar encontro como os outros? Como o vou fazer?

2. Na confluência das minhas experiências com as dos outros, consigo descobrir a ação de Deus, na minha vida, na da sociedade e na da Igreja?

3. Com a ajuda do discurso de Pedro, conseguirei fazer uma síntese da vida de Jesus Cristo, capaz de fundamentar a fé, alicerçar a esperança e dar conteúdo à ação evangelizadora a que sou chamado?

Canções:

Deus precisa de mim

Cristo quer a tua ajuda

É tempo de ser esperança

Quinto Tema:

“De acolhedora da Palavra a acolhedora da Igreja”

(At 16, 11-15)

O acolhimento, mais do que um acto isolado, é um dinamismo multiplicador. Ao longo das suas viagens, Paulo vai sendo acolhido quer pessoalmente quer na Boa Nova que anuncia. O Espírito suscita o acolhimento da Palavra e o acolhimento da Palavra abre-se ao acolhimento daquele que Deus envia como servo da Palavra.

Oração inicial

Senhor, se quiseres podes curar-nos!...

Sim; rezamos com as palavras que ouviste aos marginalizados e doentes dos Teus caminhos da Judeia ou Galileia.

Se quiseres, podes curar-nos...porque queremos deixar que nos cures!...

Já muitas vezes fechámos o coração e as portas da vida. E tu passaste, tocando levemente, à espera que sentíssemos a Tua presença.

Como Jerusalém, não quisemos a sombra das Tuas asas!..

São mais que sete as chaves que não Te deixam entrar: pressa, superficialidade, rotina, medo, preguiça, fome de sucesso, vontade de poder e de um lugar ao sol...

Queremos, agora, deixar que nos cures. E, renascidos, sem medo das cicatrizes, falaremos da Tua misericórdia!..

Amen.

Leitura do texto (At 16, 11-15)

¹¹Embarcámos em Tróade e fomos directamente a Samotrácia; no dia seguinte, fomos a Neápoles ¹²e de lá, a Filipos, cidade de primeira categoria deste distrito da Macedónia, e colónia. Estivemos aí durante alguns dias. ¹³No dia de sábado, saímos fora de portas, em direcção à margem do rio, onde era costume haver oração.

Depois de nos sentarmos, começámos a falar às mulheres que lá se encontravam reunidas. ¹⁴Uma das mulheres chamada Lídia, negociante de púrpura, da cidade de Tiatira e temente a Deus, pôs-se a escutar. O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia. ¹⁵Depois de ter sido baptizada, bem como os de sua casa, fez este pedido: «Se me considerais fiel ao Senhor, vinde ficar a minha casa.» E obrigou-nos a isso.

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

Como é que este texto nos exorta a saber encontrar o tempo para repousar em Deus e para ouvir a sua Palavra?

Como é que nós abatemos as barreiras que muitas vezes levantamos contra a Graça de Deus?

Que imagem da hospitalidade nos dá esta passagem dos Actos dos Apóstolos?

Pistas de reflexão

1. *Entre a acção e a contemplação.* A oração à beira rio lembra o Salmo 137, “Junto aos rios de Babilónia...” mas o tom é mais idílico. Este encontro de Paulo com as mulheres à beira rio lembra outros encontros bíblicos

e, em particular, o encontro e o diálogo de Jesus com a Samaritana (Ier Jo 4). Tendo tirado um tempo de repouso, Lídia está sentada juntamente com outras mulheres, Timóteo e Silas a ouvir a mensagem de Paulo. Lídia é simultaneamente Marta e Maria (Ier Lc 10, 38-42), como comerciante de tecidos de púrpura, certamente tinha uma vida muito preenchida mas encontrou o tempo necessário para ouvir a Palavra no ambiente calmo da margem do rio.

2. *A casa transformada em Igreja doméstica.* Mulher certamente bem-sucedida, comerciante com uma casa suficientemente grande para acolher três hóspedes e com gente a seu cargo (Cf v. 15). Todavia, ela sabe deixar o frenesim do comércio para acolher a Palavra de Deus, em seguida, acolher os enviados de Deus e fazer da sua casa uma Igreja doméstica. Aliando a vida ativa à vida contemplativa, ela realiza em si o elogio que santo Agostinho faz das duas: "Os dois modos de vida são bons e louváveis, um é laborioso e temporal, o outro é um repouso que antecipa o repouso eterno. Os dois estão reunidos na presença do Senhor que é a fonte da vida."

3. *Acolher a Graça de Deus.* Na pregação evangélica há uma correlação profunda entre a escuta e a Graça de Deus que abre o coração e o inflama. A acção do homem consiste em não resistir a esse fogo que corre como um rio (Ier Sl 40).

4. *Quem vos recebe a mim recebe.* Jesus tinha aconselhado os apóstolos a aceitarem a hospitalidade e quem acolhe é o primeiro beneficiário (Ier Lc 10, 7 e Mt 25, 35-38). Por isso, quando um cristão recebe outro cristão, é um membro da Igreja que recebe outro membro da Igreja para grande alegria da Cabeça da Igreja que é Cristo. Cristo tem como prestado a si

próprio todo o serviço que os membros da Igreja prestam uns aos outros. Pois, Ele que é a plenitude do Dom, encontra-se, nos irmãos, em estado de necessitado. Esta é a unidade perfeita entre o amor de Deus e o amor do próximo: é verdadeiramente servo de Cristo aquele que serve um membro de Cristo, ele que, numa caridade perfeita, se fez servo de todos.

5. *O exemplo apostólico.* Todavia, Paulo preferia trabalhar para não ser pesado para ninguém e em particular para aqueles que ele tinha ganho a Cristo pela sua pregação para que esta permanecesse gratuita (ler Ac 20, 34). Lídia sabe encontrar as palavras para convencer os apóstolos. Da mesma forma, também os discípulos de Emaús “convenceram Cristo ressuscitado a ficar em sua casa (ler Luc 24, 29)

Questões para o compromisso

Como vou encontrar tempo para estar “à beira rio” acolhendo a Palavra de Deus?

Como vou ser hospitaleiro à Igreja no serviço mútuo sabendo que sirvo a Cristo que deu tudo por nós?

Como vou ser missionário como os apóstolos e acolhedor da Igreja em Missão com Lídia?

Canções:

Estrela Polar

Tu que nas margens do lago

Te amarei, Senhor

Sexto Tema **"O acolhimento diferido"**

(At 17, 16-34)

Uma coisa é acolher com o desejo crescer, outra coisa é acolher apenas preocupado com os formalismos do acolhimento. Os atenienses eram não só muito religiosos, mas, sobretudo, ávidos da perfusão de palavras onde a Palavra da Vida se perdia nos redemoinhos argumentativos muito ao gosto dos virtuosos da tagarelice.

Oração inicial

Senhor, comparaste o Reino dos Céus a um grão de mostrada – que precisa de tempo para ser lugar de ninhos...

Pediste a paciência capaz de esperar os dias maduros, para escolher, nas eiras, o trigo e o joio.

Elogiaste a resposta incompleta, dando a entender que, quem caminha, está a chegar...

Nós, entretanto, caímos na tentação de fazer as nossas regras. Para lhes darmos força, invocámos muitas vezes o Teu nome...

Fariseus, não entramos nem deixamos entrar!...

Ilumina-nos – só Tu és a Luz.

Orienta-nos – só Tu és o Caminho.

Fortalece-nos – só Tu és a Vida!...

Queremos confessar e viver, sabendo que Tu –e só Tu – és a Palavra da nossa voz!

Amen.

Leitura do texto (At 17, 16–34)

¹⁶Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o espírito fremia-lhe de indignação, ao ver a cidade repleta de ídolos. ¹⁷Discutia na sinagoga com os judeus e prosélitos e, na praça pública, todos os dias, com os que lá apareciam.

¹⁸Até alguns filósofos epicuristas e estóicos trocavam impressões com ele. Uns diziam: «Que quererá dizer este papagaio?» Outros: «Parece que é um pregoeiro de deuses estrangeiros.» Isto, porque Paulo anunciava a Boa-Nova de Jesus e a ressurreição. ¹⁹Levaram-no com eles ao Areópago e disseram-lhe: «Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? ²⁰O que nos dizes é muito estranho e gostaríamos de saber o que isso quer dizer.» ²¹Na verdade, tanto os atenienses como os estrangeiros residentes em Atenas não passavam o tempo noutra coisa, senão a dizer ou a escutar as últimas novidades.

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

Qual é o ambiente ideal para partilhar a nossa fé em Cristo?

Como é que normalmente reajo num ambiente hostil à fé?

Sinto-me deprimido num pequeno grupo ou assembleia celebrante ou dou graças a Deus quer no muito como no pouco?

Pistas de reflexão

1. *Uma idolatria ociosa.* Paulo vê os atenienses entregues à idolatria e sedentos em conhecer novas doutrina. Todavia, por vezes, esse interesse

não passava de uma sede de palavras e discursos sem estar acompanhada de uma verdadeira vontade de mudança quer individual quer social. A vida ociosa dos atenienses levava-os ao amor pelas palavras vãs e pelos discursos grandiloquentes, um fogo de artifício verbal centrado sobre si próprio sem consequências práticas, muito semelhante aos nossos "gostos" e "partilhas" de Facebook. Paulo foi mesmo considerado como um tagarela e semeador de palavras. Esta é também uma realidade à qual Jesus muitas vezes fez face no seu diálogo com os Fariseus e os Escribas que se entretinham com guerras de palavras sobre a interpretação dos preceitos da Lei.

2. *A idolatria confrontada com a fé de Israel.* A idolatria é o maior pecado para um judeu. Ele vai contra a unicidade de Deus que o Shema Israel proclama: "Escuta Israel, o Senhor teu Deus é UM...". O livro da Sabedoria afirma: "Maldito seja o ídolo, obra das mãos dos homens, e aquele que o fez..." (Sb 14, 8-11). Por isso, Paulo estremecia em si mesmo ao ver toda aquela idolatria (v. 16). Todavia, em vez de seguir o conselho do livro da Sabedoria, Paulo parte da realidade que encontra sem a hostilizar. Paulo vai mesmo ao ponto de dizer que, na sua idolatria, os atenienses até prestavam o culto ao verdadeiro Deus através do altar ao "Deus Desconhecido" e cita mesmo os poetas gregos. Em seguida, Paulo reafirma a universalidade do seu Evangelho. O Deus de Paulo não é o Deus dos judeus nem de qualquer outro povo ou fação. É um Deus transcendente, não apropriável e criador de todo o género humano. Esta proclamação vai contra tudo o que era comum no tempo de Paulo em que cada cidade tinha a sua divindade protetora e os próprios deuses se gladiavam entre si.

3. *Deixar para amanhã a conversão a que sou chamado hoje.* Ao contrário do um Panteão onde se prestaria culto a todos os deuses para que todos nos fossem todos favoráveis, Paulo fala do Deus único e desconhecido mas termina apelando à conversão na eminência do Juízo final. No momento em que Paulo proclama a senhoria de Cristo (um Homem) estabelecida pela sua ressurreição dos mortos os atenienses começam a troçar de Paulo. No meio do palavreado, da tagarelice e da troça, uma palavra fazendo apelo à conversão e proclamando um Homem vencedor da morte provoca um adiamento do acolhimento da Palavra: "Ouvir-te-emos mais tarde". Todavia, alguns abraçam a fé. Dois são nomeados, um homem e uma mulher, Dionísio e Dâmaris.

Questões para o compromisso

Um ditado diz: "Para ensinar Matemática ao Pedro é tão importante conhecer bem a Matemática como o Pedro". De que forma eu tento conhecer o meu mundo para anunciar-lhe a Boa Nova de Jesus Cristo?

Como é que eu tento ultrapassar as resistências de um meio muitas vezes hostil à Boa Nova?

Como é que eu mostro a minha gratidão no pouco ou no muito fruto do meu trabalho apostólico?

A minha comoção diante dos males do mundo traduz-se em ação ou em lamúria?

Canções:

Nada te turbe
Quero louvar-Te
Quem me seguir

Sétimo Tema:

“Acolher quem vem em nome do Senhor”

(At 28, 11-31)

A maneira como acolhemos diz o desejo que temos em acolher. Acolher não é só abrir a porta, é ir ao encontro daquele que vem ao nosso encontro. Para acolher em minha casa, eu devo deixar a minha casa para fazer pelo menos a parte final do caminho daquele que vem ao meu encontro.

Oração inicial

Senhor que fazes novas todas as coisas, renova-nos!...

Renova-nos, para que oiçamos a Tua Palavra e a ponhamos em prática. Para que guardemos no coração tudo o que não entendemos. Para que rezemos, com abertura de alma, todas as nossas dúvidas e os pecados da Tua Igreja. Para que dêmos tempo à lentidão humana de corresponder à Tua graça.

Renova, Senhor, a nossa alegria, para trabalharmos, cheios de entusiasmo, no Teu reino.

Renova a nossa solidariedade, para que a esperança chegue aos desanimados.

Renova a nossa lucidez, para encontrarmos o sentido nestas horas de neblina e de buscas imperfeitas.

Renova a nossa confiança, para aceitarmos os Teus enviados.

Tu que fazes novas todas as coisas, respondes à nossa sede. Que saibamos que só Tu és a nascente da água viva!...

Amen.

Leitura do texto (At 28, 11-31)

¹Volvidos três meses, tomámos um barco de Alexandria com o emblema dos Dióscoros, que tinha passado o Inverno na ilha. ¹²Aportámos a Siracusa, onde ficámos três dias ¹³e, de lá, contornando a costa, chegámos a Régio. No dia imediato, levantou-se o vento sul e, em dois dias, alcançámos Puteólos, ¹⁴onde encontrámos irmãos, que nos convidaram a passar sete dias com eles. E assim é que fomos para Roma.

¹⁵Os irmãos desta cidade, prevenidos da nossa chegada, vieram ao nosso encontro até Foro de Ápio e Três Tabernas. Paulo, ao vê-los, deu graças a Deus e cobrou ânimo.

¹⁶Quando entrámos em Roma, Paulo foi autorizado a ficar em alojamento próprio com o soldado que o guardava. ¹⁷Três dias depois, convocou os principais dos judeus e, quando estavam todos reunidos, disse-lhes:

«Irmãos, embora nada tenha feito contra o povo ou contra os costumes paternos, fui preso em Jerusalém e entregue às mãos dos romanos. ¹⁸Estes,

depois de me terem interrogado, queriam libertar-me, por não haver em mim crime algum digno de morte. ¹⁹Mas, como os judeus se opuseram, fui constringido a apelar para César, sem querer, de modo algum, acusar o meu povo. ²⁰Foi por este motivo que pedi para vos ver e falar, pois é por causa da esperança de Israel que trago estas cadeias.»

²¹Eles responderam-lhe: «Nós não recebemos da Judeia carta alguma a teu respeito, e não chegou aqui nenhum irmão que contasse ou dissesse mal de ti. ²²Desejamos, porém, ouvir da tua boca o que pensas, pois, quanto à seita a que pertences, sabemos todos que, por toda a parte, encontra oposição.» ²³Marcaram, então, o dia e vieram ter com ele, em maior número, ao seu alojamento. Desde a manhã até à tarde, Paulo não cessou de lhes dar testemunho do Reino de Deus e procurou convencê-los do que diz respeito a Jesus, invocando a lei de Moisés e os Profetas. ²⁴Alguns deixaram-se persuadir com as suas palavras; outros, porém, mantiveram-se incrédulos. ²⁵Estando em desacordo uns com os outros, começaram a separar-se. Paulo apenas disse estas palavras: «Com razão falou o Espírito Santo a vossos pais, pela boca do profeta Isaías, dizendo:

²⁶*Vai ter com esse povo e diz-lhe:*

*Ouvireis com os vossos ouvidos,
mas não compreendereis;
vereis com os vossos olhos,
mas não percebereis.*

²⁷*Sim, o coração deste povo tornou-se endurecido.*

*Taparam os ouvidos
e fecharam os olhos,*

*não fossem ver com os olhos,
e ouvir com os ouvidos,
entender com o coração,
converterem-se, e Eu curá-los!*

²⁸Ficai, agora, sabendo: esta salvação de Deus foi enviada aos pagãos que a hão-de escutar.»

²⁹Depois de ele ter dito estas palavras, os judeus retiraram-se, travando entre eles animada discussão.

³⁰Paulo permaneceu dois anos inteiros no alojamento que alugara, onde recebia todos os que iam procurá-lo, ³¹anunciando o Reino de Deus e ensinando o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo, com o maior desassombro e sem impedimento.

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

De que forma eu costumo acolher quem me visita?

Na última vez que a nossa comunidade acolheu alguém que a visitou em nome do Senhor, como é que foi acolhida?

Perante as dificuldades que nos são colocadas na evangelização, como tento manter o vigor do anúncio da Boa Nova?

Pistas de reflexão

1. *Acolher é ir ao encontro.* Paulo chega ao fim de uma longa viagem com as mais variadas peripécias, umas venturosas, outras nem tanto. Esta viagem está muito longe de ser turística. Não consta que Paulo tenha

tirado selfies com os mais variados monumentos como cenário e tenha-as publicado no Facebook. O seu jornal de viagem não ficava gravado no Facebook mas nos corações das comunidades que ele ia visitando e fundando. Paulo é um peregrino que vive o seu ministério focado num objetivo que não é seu mas do Espírito. Ao longo da sua narrativa, São Lucas lembra-nos muitas vezes que o ator principal da história da Igreja é a ação providencial do Espírito Santo. Paulo é um instrumento dessa energia e um servo da Palavra.

2. *A Igreja acolhe o enviado do Senhor como o próprio Senhor.* Paulo é acolhido pelos cristãos de Roma não como um velho amigo ou como um turista, mas como um Apóstolo e Servo da Palavra. O sinal disso está no facto deles não esperarem que ele chegasse a Roma mas foram ao seu encontro em dois grupos e a dois lugares distintos, certamente os mais vigorosos foram mais longe e os mais fracos foram até onde puderam. Muitas vezes assistimos a acolhimentos apoteóticos nos aeroportos por causa de uma taça ou de uma medalha perecíveis, mas não dedicamos um acolhimento entusiasmado a quem nos traz a Palavra da Salvação. Mostrar desejo de acolher a Palavra de Deus significa não deixar apenas que a Palavra chegue ao nosso encontro, é preciso ir ao seu encontro acolhendo o mensageiro: "Quem recebe um profeta por reconhecê-lo como profeta, receberá a recompensa de profeta" (Mt 10, 41); "Assim que entrardes numa casa, dizei em primeiro lugar: 'Paz seja para esta casa!' Se morar ali um filho da paz, a vossa bênção de paz repousará sobre ele" (Lc 10, 5-6).

3. *O bom acolhimento dá ânimo ao servo da Palavra.* O bom acolhimento da Comunidade Romana fez com que Paulo recobrasse o ânimo,

combatesse os adversários, acolhesse todos os que o iam visitar e anunciasse o Reino de Deus e ensinando o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo, com o maior desassombro e sem impedimento.

Questões para o compromisso

Como é que o bom acolhimento se pode refletir no que nós próprios recebemos de quem acolhemos?

Como é que a nossa atitude acolhedora reflete o nosso desejo de receber a Palavra de Deus?

Como é que os Bispos, os Sacerdotes, os Catequistas e todos aqueles que são ministros da Palavra são acolhidos pelas nossas comunidades?

Canções:

E nós a quem iremos

Mãe olha para mim

Vai com os homens a caminhar

Reflexão para os animadores e para quem desejar Agora é convosco!

1. “Confiados à Palavra de Deus”

“Estai, pois vigilantes e recordai-vos de que, durante três anos, de noite e de dia, não cessei de exortar, com lágrimas, cada um de vós. E agora, **confio-vos a Deus e à Palavra da sua graça**, que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados” (At 20, 31-32).

“Encomendo-vos a Deus e à Palavra da sua graça” (At 20, 32). Palavras de Paulo ao despedir-se dos cristãos de Éfeso. Prioritariamente, não lhes confia a Palavra; confia sim os cristãos à Palavra. O que significa confiar-se à Palavra de Deus?

Confiar-se à Palavra de Deus é:

1. Acreditar que “Deus torna cada um de nós capaz de *escutar e responder* à Palavra divina. Que o homem é criado na Palavra e vive nela; e não se pode compreender a si mesmo, se não se abre a este diálogo. A Palavra de Deus revela a natureza filial e relacional (fraternal) da nossa vida. Por graça, somos verdadeiramente chamados a configurar-nos com Cristo, o Filho do Pai, e a ser transformados n’Ele. (VD 22). A nossa verdadeira identidade batismal: filhos amados e irmãos de todos!

2. Descobrir que “neste diálogo com Deus, nos compreendemos a nós mesmos e encontramos resposta para as perguntas mais profundas que habitam no nosso coração. De facto, a Palavra de Deus não se contrapõe ao homem, nem mortifica os seus anseios verdadeiros; pelo contrário, ilumina-os, purifica-os e realiza-os” (VD 23).

3. Tomar consciência de que a História da Salvação nos mostra progressivamente esta ligação íntima entre a Palavra de Deus e a fé que se realiza no encontro com Cristo. De facto, com Ele a fé toma a forma de encontro com uma Pessoa à qual se confia a própria vida. Cristo Jesus continua hoje presente, na história, no seu corpo que é a Igreja; por isso, o ato da nossa fé é um ato simultaneamente pessoal e eclesial (VD 25).

4. Descobrir, no contexto atual, a Palavra de Deus como **fonte de reconciliação** e de paz (cf. VD 102). Trata-se de acreditar que a misericórdia de Deus tem rosto humano em Cristo. Aquele *nome* que o próprio Deus tinha revelado a Moisés, JHWH, o Deus que está connosco, abre-se a um *nome novo* que alarga o primeiro: “Deus é *Ágape*”. Deus é um *Nós* infinito de Amor e por isso está connosco, em nós. Em toda a Bíblia e, particularmente em Jesus Cristo, **de maneira impressionante Deus continua a acompanhar o seu povo, demonstrando que está disposto a caminhar com pessoas com defeitos, débeis e carregadas de culpas.**

5. É não ter medo de nos colocarmos perante a nossa realidade e darmos conta das nossas feridas, apresentando-as conscientemente a Cristo, para que Ele as cura. Trata-se uma verdadeira pacificação, **não de**

auto-cura, mas uma resposta à fé e certeza de sermos acolhidos incondicionalmente por Deus: reconciliação com Deus, consigo e com os outros. Dizemos sempre na missa “não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja...”. É a fé que vence o pecado, não simplesmente a virtude!

6. Confiar-se à Palavra faz-nos **experimentar a reconciliação como Ressurreição**. Mesmo se o sofrimento e o pecado não se esquecem, podem ser transformados ou transfigurados. Trata-se de **recordá-los de maneira diferente**, para que enxertados na morte e ressurreição de Cristo possam converter-se em fonte de vida para outros. As vítimas, como aconteceu com Jesus, levam consigo as marcas das feridas. Porém, essas feridas ao darem testemunho do amor, podem curar e dar a vida a outras pessoas.

7. Confiar-se à Palavra é **deixar-se reencontrar**: é o coração de qualquer caminho de reconciliação. “Com efeito, a Sagrada Escritura mostra-nos como o pecado do homem é essencialmente desobediência e «não escuta» (VD 26). Desde as primeiras páginas da Bíblia, o pecado foi-nos revelado como uma fuga, uma ausência. Deus reconcilia-nos partilhando amorosamente e até ao fim a nossa condição, os nossos abismos. Desde o Génesis até ao Calvário tudo se ilumina num ritmo ternário: Deus vem ao encontro do homem, ama-o e torna-o capaz de amar. Deus reconcilia-nos doando-se e perdoadando. Dá-se no seu Cristo e na força do Espírito Santo, indo até ao fim, até à “descida aos infernos”.

É preciso abeirar-se da Palavra com coração dócil e orante, a fim de que ela penetre profundamente pensamentos e sentimentos e gere em cada

um de nós uma nova mentalidade – ‘o pensamento de Cristo’ (1 Cor 2, 16). E conseqüentemente as suas palavras, as suas opções e atitudes devem ser cada vez transparecer na nossa vida, no anúncio e no testemunho do Evangelho; só ‘permanecendo’ na Palavra, crescemos como discípulos do Senhor, conhecendo a verdade que nos tornará livres (Cf. VD 80).

Antes de nos ser entregue a Palavra de Deus, somos nós entregues, ou confiados à Palavra. Ser confiados à Palavra, significa, antes de mais, que devemos pôr a nossa fé na Palavra de Deus e não em nós mesmos ou noutra realidade; que cada manhã, como autênticos servos do Senhor, afinamos o nosso ouvido e coração para escutar como discípulos a Palavra de Deus (cfr. Is 50,4); organizamos a nossa vida, e o dia, de tal modo que a Palavra habite em nós (cfr. Jo 15, 7) e seja implantada em nós (Cfr. Sant 1,21). Assim pois, deveríamos poder dizer como Jesus: “Eu guardo a palavra de Deus” (cfr. Jo 8,55).

Maria é apresentada por Bento XVI, na *Verbum Domini*, como Aque-la que nos ensina confiarmo-nos à Palavra: “Nesta ocasião, desejo chamar a atenção para a familiaridade de Maria com a Palavra de Deus. Isto transparece com particular vigor no *Magnificat*. Aqui, em certa medida, vê-se como Ela Se identifica com a Palavra, e nela entra; neste maravilhoso cântico de fé, a Virgem exalta o Senhor com a sua própria Palavra: O *Magnificat* – um retrato, por assim dizer, da sua alma – é inteiramente tecido de fios da Sagrada Escritura, com fios tirados da Palavra de Deus. Desta maneira se manifesta que Ela Se sente verdadeiramente em casa na Palavra de Deus, dela sai e a ela volta com naturalidade. Fala e pensa com

a Palavra de Deus; esta torna-se Palavra d'Ela, e a sua palavra nasce da Palavra de Deus. Além disso, fica assim patente que os seus pensamentos estão em sintonia com os de Deus, que o d'Ela é um querer juntamente com Deus. Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, Ela pôde tornar-Se mãe da Palavra encarnada”.

2. Atos dos Apóstolos: Dar um rosto à Igreja

A obra de Lucas tem dois volumes: Evangelho e Atos. Nos Atos, narra as vivências dos primeiros grupos de discípulos para nos dizer o que somos, ou seja, o que significa ser discípulos-missionários de Jesus (hoje como então).

Tudo começa em Jerusalém; mas não está destinado a terminar ali: Jesus promete o Espírito que os conduzirá para fora de Jerusalém (e do mundo hebraico).

Os apóstolos, na Ascensão, ainda esperavam alguma coisa de Jesus. Mas é o próprio Jesus Ressuscitado que, ao contrário, lhes diz: **agora, é convosco!** Sereis minhas testemunhas!

À invisibilidade de Jesus responde a visibilidade de uma comunidade de homens e mulheres em oração; eclipsando-se do mundo, o Ressuscitado abre um espaço no qual a comunidade dos crentes concretizará a sua presença escondida.

O livro dos Atos dos Apóstolos conta-nos os passos, por vezes seguros e outras vezes incertos, que a comunidade dos crentes fará para chegar aos confins da terra, para realizar o projeto de Jesus.

As quatro colunas da comunidade (At 2, 42-47; 4, 32-35; 5, 12-16): Ensino dos Apóstolos, Comunhão Fraterna, Fração do Pão, Orações.

1. Ensino dos Apóstolos

Não têm uma mensagem para inventar, mas a de Jesus para transmitir. Não são protagonistas, mas testemunhas.

2. A comunhão

Koinonia é um substantivo muito raro, que aparece só aqui nos Atos dos Apóstolos e não se encontra nunca no Evangelho segundo Lucas. Indica o oposto do privado, pessoal, individual, do só para mim e por mim. É um substantivo que exprime condizância, mas sem especificar o que partilharemos. É o substantivo do “nós” em oposição ao “eu”.

3. Partir o Pão

Referência à ceia na casa dos discípulos de Emaús (Lc 24, 30): “Fica conosco, Senhor!”

Os Atos sugerem-nos que a comunidade dos crentes era assídua a celebrar o que nós chamamos de Eucaristia ou Missa. Paulo chama “Ceia do Senhor” (1 Cor 11, 20).

4. As orações

Juntamente com os hebreus **na sinagoga e nas casas**. Dois polos da oração e vida: o Templo de Jerusalém ou a Sinagoga e **as casas** em que a comunidades celebrava a fração do pão.

Ensino dos apóstolos, união fraterna, fração do pão e orações. Quatro dimensões em que o primeiro grupo de discípulos perseverava.

Um estilo de vida fascinante e atraente. Partilham a vida, até ao ponto de ter tudo em comum.

A Igreja cresce também porque existem pessoas que vivem a fé de maneira muito concreta e solidária, ligando oração e partilha de bens, e gozam assim da estima de todos.

Jesus não está presente fisicamente, mas está no meio daqueles que creem nele a levar a salvação: com o seu estilo de vida, com as suas escolhas de cada dia. É assim que Deus continua a Sua obra.

Fazer resplandecer o mais luminosamente possível o rosto do Ressuscitado na vida da Igreja e da sociedade, é a vocação e missão da Igreja, ontem, hoje e sempre, que corresponsavelmente queremos assumir!

2. A história de Áquila e Priscila (At 18): acolhedores e missionários

Trata-se de um casal recém-convertido ao cristianismo, que vai deixando um rasto de luz em diversas cidades do Império Romano.

O livro dos Atos dos Apóstolos oferece-nos muitos pormenores da vida deste **casal de discípulos-missionários. S. Lucas revela a sua grande capacidade de acolhimento e o seu zelo missionário!**

O seu trabalho permitiu-lhe custear as viagens que realizaram naqueles anos e arrendar uma casa modesta nas cidades onde residiram. É muito provável que esta casa de habitação e oficina fosse espaço de encontro com clientes e curiosos e fosse aproveitado para difundir a sua nova fé,

formando um grupo que ali se reunia regularmente, como de facto veremos acontecer em Corinto, em Éfeso e mais tarde em Roma.

2.1. Partem de Roma

Em primeiro lugar, informa-nos sobre a sua origem. Áquila era judeu e procedia do Ponto. Como muitos artesãos e trabalhadores manuais, tinha emigrado para a Roma ainda em jovem à procura de uma vida melhor. Era um homem empreendedor.

Priscila era muito provavelmente oriunda de Roma. Não sabemos como se conheceram, porém podemos imaginar que o seu encontro teve lugar através dos contactos que o jovem Áquila estabeleceu na cidade, provavelmente com aqueles que tinham o mesmo ofício.

Da sua vida em Roma antes de mudar para Corinto, Lucas oferece indiretamente alguns dados interessantes. Diz-nos, por exemplo, que estavam casados, ao afirmar que "Áquila ... tinha chegado há pouco de Itália com Priscila, sua mulher".

Tudo indica que puderam estabelecer uma relação de casal estável e sancionada pela lei e pelos costumes. A sua relação matrimonial explicaria também a vinculação de Priscila com o judaísmo, pois a mentalidade do momento propiciava que a esposa partilhasse as convicções religiosas e o culto do marido. De facto, Priscila participava ativamente na vida religiosa da sinagoga.

Lucas menciona também explicitamente o ofício familiar. No mundo antigo não se mudava facilmente de ofício e, de facto, este era um dos bens mais apreciados que um homem possuía. Em Roma, havia um grupo

importante de fabricantes de tendas. Existiam inclusivamente grêmios ou associações deste ofícios (*collegia tabernaculorum*), a mais importante das quais era formada por membros da casa do imperador, que se encarregavam, entre outras coisas, de fabricar tendas de couro para o exército.

Na cidade, os que tinham este ofício dedicavam-se sobretudo a tecer fortes lonas de linho que se utilizavam como toldos nos edifícios públicos (César cobriu todo o foro com este toldos) para proteger do calor, e também toldos mais pequenos para os pátios das casas privadas. Este pode ter sido o trabalho de Áquila e Priscila em Roma, e também o de Paulo em Tarso, onde por certo se cultivava o linho.

Podemos imaginar Áquila e a sua mulher como membros ativos de um dos primeiros grupos cristão de Roma. E por causa da fé em Jesus Cristo sofrem o exílio.

2.2. Chegam a Corinto

A primeira referência a este casal encontra-se nos Atos dos Apóstolos, quando Paulo chega a Corinto vindo de Atenas e se encontra com “um judeu de nome Áquila, oriundo do Ponto, que tinha chegado há pouco tempo de Itália com Priscila, sua mulher, pois o imperador Cláudio tinha decretado que todos os judeus deveriam sair de Roma” (At 18, 2-3).

Paulo encontrou Áquila e Priscila em Corinto e, “porque eram do mesmo ofício, ficou a viver e a trabalhar com eles; eram fabricantes de tendas” (At 18, 3).

Ao chegarem a Corinto anunciam e testemunham a sua fé. Com a chegada de Paulo tudo se ampliou. Áquila e Priscila foram, então, os primeiros missionários de Corinto, ainda que esta missão seria reforçada com a chegada de Paulo. Pelo que diz Lucas e corrobora Paulo (Rm 16, 3-4), a sua relação com ele foi muito estreita desde o início, ao ponto de, durante a sua estadia em Corinto, partilharem casa e trabalho.

2.3. É a hora de Éfeso

Um ano depois da sua chegada a Corinto, Paulo abandonou a cidade para se dirigir à Síria. Áquila e Priscila acompanharam-no até Éfeso e permaneceram ali, respondendo provavelmente a um plano concertado (At 18, 18-22), pois estavam profundamente vinculados à missão paulina e tinham-se convertido em colaboradores do apóstolo (Rm 16, 4).

A permanência de Áquila e Priscila em Éfeso deve ter durado, como a de Paulo, uns três anos (51-54 d.C.), pois no ano 55 d.C., quando este escreve a Carta aos Romanos, já Áquila e Priscila se encontravam de regresso à sua cidade de origem e tinham tido tempo de reunir uma pequena comunidade em sua casa (Rm 16, 4). Desta estadia em Éfeso, o livro dos Atos dos Apóstolos só menciona o episódio do seu encontro com Apolo. Segundo Lucas, depois de terem ouvido pregar na sinagoga, Áquila e Priscila instruíram-no com mais precisão acerca do caminho de Deus e tinham escrito aos irmãos de Acaia para que os recebessem (At 18, 24-28). Tudo isto coloca em destaque um dado importante da primeira missão cristã de que fez parte Áquila e Priscila nestes anos: a existência de diversos grupos missionários que nem sempre estava de

acordo entre si. Esta foi para eles, sem dúvida, uma experiência desconcertante e, ao mesmo tempo, enriquecedora.

Nas cartas de Paulo encontramos notícias que se referem à estadia em Éfeso. A primeira delas encontra-se na despedida da Primeira Carta aos Coríntios, que Paulo escreveu de Éfeso, provavelmente nos finais do ano 52 d.C. Entre uma série de saudações gerais: "Saúdam-vos as Igrejas da Ásia ... saúdam-vos todos os irmãos" (1 Cor 16, 19a.20^a), aparece somente uma de caráter pessoal: "Mandam-vos muitas saudações Áquila e Priscila, assim como a igreja que se reúne em sua casa" (1 Cor 16, 19b). Isto confirma a relação estreita que tem com esta família. Há também o dado interessante, pois menciona uma igreja que se reúne em sua casa.

Esta referência à casa de Áquila e Priscila em Éfeso é um dos argumentos que se pode usar para lhes atribuir um nível social elevado. Uma casa e oficina onde se pudessem reunira 15 a 20 pessoas.

De acordo com tudo isto, não é difícil imaginar Áquila e Priscila reunidos com uma pequena comunidade em sua casa. Os participantes sentar-se-iam sobre as esteiras e sobre as lonas ali expostas para venda, num ambiente abigarrado porém familiar, onde todos se sentiram acolhidos, onde se partilhavam recordações sobre Jesus, onde se celebrava a Ceia do Senhor e se podia encontrar apoio nas dificuldades. Certamente, onde se festejavam os momentos significativos e felizes.

A segunda passagem encontramos-la na despedida de outra carta, neste caso a que dirigiu aos romanos desde Corinto. As primeiras saudações são de Áquila e Priscila. Nela se menciona com gratidão o que o apoio que prestaram a Paulo: "Eles arriscaram a própria vida para salvarem

a minha. Por isso estou-lhes muito grato. E não só eu, mas também todas as igrejas dos crentes vindos do paganismo” (Rm 16, 4).

É um pouco enigmática a primeira referência. Mas há que recordar as tribulações por que passou Paulo. As suas cartas têm sabor a sal e a pó! Esteve preso várias vezes!

A segunda alusão é mais genérica, pois resume o trabalho missionário realizado por Áquila Priscila a favor das igrejas dos gentios, não só as de Corinto e Éfeso, mas também de todas aquelas a que Paulo e seus colaboradores levaram o Evangelho desde estes centros missionários através de visitas e de frequentes cartas. Portanto, esta afirmação de Paulo confirma que este casal romano fazia parte da equipa que tinha reunido à sua volta para difundir o Evangelho. Tal e qual como Timóteo, Tito, Silvano, etc.

2.4. Regresso a Roma

Desde Éfeso, Áquila e Priscila tiveram de regressar a Roma, de onde tinham saído pelo ano de 49 d.C. A morte do imperador Cláudio, acontecida em outubro de 54 d.C., tornava possível este regresso e, de facto ali os encontramos no ano 55 d.C., quando Paulo escreve a Carta aos Romanos.

Ao regressarem a Roma, Áquila e Priscila formaram uma comunidade doméstica (Rm 16, 5), seguindo provavelmente o modelo das que tinham formado em Corinto e em Éfeso. Porém, estão ainda mais vinculados à missão de Paulo que, através deles, se torna presente em Roma.

Provavelmente o regresso a Roma está relacionado com o apoio a dar a Paulo nesta etapa decisiva. São impressionantes as palavras que ele lhes dedica na despedida da carta:

“Saudai a Prisca e Áquila, meus colaboradores (*synergoi*) em Cristo Jesus. Eles arriscaram a própria vida para salvarem a minha. Por isso estou-lhes muito grato. E não só eu, mas também todas as igrejas dos crentes vindos do paganismo; saudai também a igreja que se reúne em sua casa (Rm 16, 3-5).

As notícias sobre Priscila e Áquila terminam com esta saudação epistolar. A sua trajetória como cristãos, discípulos-missionários, que as fontes dos Atos dos Apóstolos e das Cartas de Paulo, vai desde o edito de Cláudio (49 d. C.) até à Carta aos Romanos (55. d.C.), foi certamente particular e paradigmática em muitos sentidos, pode também considerar-se de algum modo representativa dos outros cristãos missionários da primeira hora.

2.5. Breves reflexões sobre a história de Áquila e Priscila

A história de Aquila e Priscila abre-nos uma janela sobre a vida de uma pequenas fraternidades apostólica: as que Paulo formou com eles e com outros colaboradores seus. As informações que temos revelam-nos aspectos concretos da sua forma de vida e tarefa apostólica, apresentam as dificuldades que foram encontrando e os êxitos que foram alcançando.

A história de Áquila e Priscila na sua brevidade e concisão, revela também alguns dos instrumentos que tornaram possível a primeira evangelização. O primeiro e mais importante foram as pessoas: eles próprios, Paulo, Apolo e todos os outros. A entrega pessoal, facilitada no seu caso pela mobilidade que lhes proporcionava o seu ofício de artesãos, foi determinante para a missão. Porém a sua foi uma entrega configurada pela convicção de ter recebido um

mandato de Deus, e por isso se compreendem como “enviados” (apóstolos) que partilham a mesma tarefa. Em segundo lugar, a missão levada a cabo por aqueles primeiros missionários contou com a infra-estrutura da casa, que lhes proporcionou, ao mesmo tempo, um espaço físico e um âmbito social em que enraizar-se e do qual partir, ou recomeçar.

Não é possível compreender a primeira evangelização sem ter em conta esta infra-estrutura. Os primeiros missionários cristãos recorreram a instrumentos e meios que existiam no seu ambiente, porém também manifestaram uma criatividade enorme para os colocar ao serviço do seu projeto. Inspirados no exemplo de Jesus, desenvolveram uma nova forma de entender a mediação religiosa (ministério apostólico) e congregaram comunidades de acolhimento e de apoio que se revelaram muito eficazes. Estes apóstolos e suas comunidades configuram uma forte rede de relações através da qual se difundia a nova fé. Nem todos os grupos o fizeram da mesma forma, porém todos recorreram a estas mediações que constituem a infra-estrutura da missão.

3. Episódio inquietante de Ananias e Safira (At 5, 1-11)

Nos Atos dos Apóstolos, é o episódio mais distante da nossa sensibilidade. Porque é que Lucas nos conta este episódio pouco edificante.

Como minar a comunidade pela base? O que é que não está bem neste comportamento?

Ananias mentiu! Enganou a comunidade! Ninguém o obrigava a ser generoso, a dar do que era seu; podia ficar com tudo, com metade, com

um terço. Mas escolheu enganar, fazer teatro, viver na aparência! Isto mina qualquer família ou comunidade, ontem e hoje, pois faz desabar a confiança e permite que a alastre a hipocrisia.

Quem mente à comunidade mina o alicerce da comunidade, corroendo-a por dentro: como é possível confiar em quem está ao nosso lado a rezar, a participar na Eucaristia, se não diz a verdade? Se não é honesto? Se procura somente cuidar da sua boa imagem e dos seus interesses? E se não podemos confiar uns nos outros, como pode permanecer de pé uma família, um grupo, uma comunidade?

Sem a confiança recíproca, o dinheiro não serve para nada!

Mas mais ainda: **Safira e Ananias tentaram mentir ao Espírito Santo.** Passaram-se para o lado de Satanás, nas palavras de Pedro. *Diabolon* é o *desconfiador* e o que divide famílias e comunidades!

O Evangelista, narrando-nos a vida das primeiras comunidades crentes, não esconde a sujidade debaixo do tapete; não faz de conta que corre tudo bem. Assim oferece-nos o rosto de uma Igreja que está em caminho de conversão para comunhão. Quando consegue vivê-la, mostra o seu aspeto mais belo e fascinante; mas está ainda em caminho.

As perseguições que vêm do exterior, na narração dos Atos (e na história da Igreja) não tem capacidade destrutiva, pelo contrário fortalecem a

Igreja. Mas a mentira e a hipocrisia no seio de uma família, de um grupo e de uma comunidade corroem a confiança. Isto é pecado gravíssimo!

Na audiência geral de 7 de fevereiro de 2007, falando de Áquila e Priscila, Bento XVI disse estas palavras:

“Graças à fé e empenho apostólico de fiéis leigos, de famílias, de esposos como Priscila e Áquila o cristianismo chegou até nós. Podia crescer não só graças aos Apóstolos que o anunciavam. Para se **enraizar na terra do povo, para se desenvolver com vivacidade, era necessário o empenho destas famílias, destes esposos, destas comunidades cristãs**, de fiéis leigos que ofereceram o húmus ao crescimento da fé. Sempre e só assim cresce a Igreja.”

“Sempre” e “só assim” a Igreja cresce; não há alternativas. Só com pessoas boas, como Aquila, Priscila e tantas outras, aparece e resplandece o rosto de uma Igreja acolhedora e missionária.

4. O que é e como formar um Grupo Semeador de Esperança (GSE)?

1. O sonho do semeador

Gerar discípulos missionários e comunidades semeadoras de esperança que, alimentadas pelo encontro pessoal com Jesus Cristo e pela força criativa do Espírito Santo, assumam a inadiável renovação da Arquidiocese, com as suas Paróquias e Comunidades. A motivação fundamental

deste objetivo é esta: «É o Ressuscitado que nos diz, com uma força que nos enche de imensa confiança e firmíssima esperança: 'Eu renovo todas as coisas'» (EG 288).

2. "Grupos Semeadores de Esperança" (GSE): grupos de partilha da Palavra de Deus.

A partir da escuta da Palavra de Deus, procuram ser lugares onde se cultivam os rebentos de um mundo novo mais justo e fraterno, onde se faz a sementeira da cultura do encontro, da fraternidade e da esperança, nas comunidades e na sociedade.

Tarefa primordial para os próximos anos

É uma opção fecunda

Convite pessoal

Experiência de Igreja, comunidade fraterna, confiança mútua

Disseminar o Evangelho pelo território

Fermento no meio da massa

Crescer na fé

Fomentar a comunhão e a amizade

Caminhada conjunta de diferentes gerações

Interligar a vida com a Palavra de Deus

Ser fermento no meio do povo de Deus

Desenvolver o compromisso eclesial

Afeta positivamente o contexto da *vida familiar*.

Grupo Semeadores de Esperança visa comprometer cada cristão pessoalmente. Dar às pessoas um sentido de relação, de comunhão. Ajudar as pessoas a sentir-se como discípulos que partilham a Palavra de Deus. Permite o envolvimento na vida e na solicitude para com os outros. Pode ajudar o grupo a tornar-se agente de evangelização, sobretudo no campo social.

Não pode ser fechado e excludor. Sentir-se «elite» ou «super-católicos» em relação aos outros.

3. A quem queremos chegar?

Católicos que participam na Eucaristia semanal e procuram novas formas de se envolver na vida paroquial.

Pessoas que se dizem católicas, mas não fazem da Eucaristia dominical e da comunidade a sua prioridade... "católicos culturais".

Pessoas que se dizem católicas mas que participam no culto de forma irregular... uma vez por mês... algumas semanas... .

Pessoas que se dizem católicas, mas que sentem raiva, separação e hostilidade, por uma ou outra razão.

Pessoas que já não se veem como católicas.

4. Como liderar um GSE? Quatro traços essenciais:

Com acolhimento: Se estamos a iniciar um novo grupo ou a convidar uma nova pessoa para o grupo existente, devemos-nos lembrar que a primeira impressão que as pessoas têm determina uma possível segunda visita ao grupo.

Com coração: deves ligar-te ao pequeno grupo com o teu coração; deves conhecer as pessoas.

Com motivação: Deus está a confiar-te o pequeno grupo. A nossa motivação deve residir na resposta positiva a Deus perante as pessoas que nos foram confiadas.

Com oração: É essencial rezar: antes, durante e depois da reunião do teu grupo, pede a Deus a sua força e sabedoria. Cuida da tua vida espiritual com rigor e disciplina. Lembra-te que precisamos de líderes espiritualmente saudáveis. Reza pelos membros do grupo pelo próprio nome.

- Temos de nos ligar a todos e, ainda com mais cuidado, depois do grupo começar, aos que estão presentes pela primeira vez. Assegurar de que temos direções, contactos, perguntando se existe algo que os deixa mais à vontade e, acima de tudo, fazer com que entendam que estamos felizes pela sua vinda.

- Cumprimentamos os (novos) membros pelo primeiro nome e devemos lembrar que nem toda a gente poderá gostar, por exemplo, de receber um abraço / beijo de um desconhecido. Temos de assegurar que todos são sempre incluídos nas conversas de grupo. Se formos nós próprios eles seguem o exemplo e temos de sorrir sempre, sem esquecer também de começar e terminar a reunião a horas.

- As pessoas que vieram a primeira vez têm de se sentir apreciadas e acolhidas, e para isto basta perguntar se mudariam ou acrescentariam alguma coisa para melhorar a experiência. Também se pode pedir para

trazerem algo para comer para a próxima reunião, dando-lhes uma pequena responsabilidade que os faz sentir bem.

- Prepara-te. Temos de ler com antecedência a sessão proposta para nos familiarizarmos com as questões antes do início do grupo. Nunca devemos ter medo de dizer que não sabemos a sua resposta. "Não sei a resposta a esta questão. Mas tenho a certeza de que alguém deu a resposta nos últimos dois mil anos, por isso vou tentar descobri-la até ao próximo encontro".

- Tem a certeza de que toda a gente entende o objetivo do grupo desde o primeiro dia. O nosso trabalho como líder de um grupo é estar continuamente a relembrar o objetivo que é proposto a todos os membros, de variadas formas.

- Sê pontual, no início e no fim. Se a reunião deve terminar a uma determinada hora, então devemos dizer que a reunião acaba oficialmente a essa hora mas que, quem quiser, pode ficar mais tempo para conversar mais um pouco. Devemos respeitar o tempo dos outros, por isso devemos ser pontuais com os horários. E por muito estranho que pareça, a maioria das pessoas vai querer sempre ficar mais tempo a conversar.

- Relembra que os telemóveis devem estar desligados. Não devemos usar telemóveis durante as reuniões de grupo. Podemos fazer uma regra em que todos devem tirar o som ao telemóvel no início da sessão, e começamos por dar o exemplo com o nosso próprio aparelho.

- Está confortável com o silêncio. Quinze segundos de silêncio numa reunião de grupo podem parecer uma eternidade, sobretudo quando estamos a liderar o grupo. Devemos pensar que o Espírito Santo está a trabalhar nas pessoas nestes momentos de silêncio. Devemos deixar as pessoas processarem a informação que está a ser partilhada, para que elas realmente reflitam - o silêncio pode ser, de facto, um dos melhores momentos da reunião.

- Não digas tudo. Devemos tentar promover o diálogo entre todos os membros em vez de despejar toda a informação e fazer perguntas no fim.

- Tenta envolver toda a gente. Todos devem ter a oportunidade de falar e partilhar. É fácil saber se o grupo é demasiado grande - se nem toda a gente tiver a oportunidade de falar durante uma reunião, então o grupo deve ser dividido.

Lembra-te que Deus está no comando. Não fomos escolhidos para liderar estes grupos por nós próprios. Se Deus nos escolheu, Ele estará conosco. Confiemos n'Ele e não tenhamos medo de pedir ajuda do Espírito Santo. Estejamos abertos à Sua liderança e procuremos sempre a Sua vontade.

5. Semeadores de Esperança: sugestões para os párocos:

-Anunciar atempadamente e a todos esta proposta de crescimento na maturidade cristã.

-Ser claro sobre o propósito destes grupos.

-Deve ser mais que um anúncio no «tempo de avisos» no final da Eucaristia.

-Usar, em 1/2 domingos, o tempo da homilia para falar na importância da Palavra de Deus, para motivar os cristãos.

-Jesus formou o seu «pequeno grupo» convidando pessoalmente. Esta parece ser ainda a melhor estratégia (e, posteriormente, uma das melhores ferramentas par convidar são as pessoas que já fazem parte de um pequeno grupo).

-Identificar potenciais líderes/animadores

6. O animador é chamado a ser:

1. Testemunha (ser)

1.1. Forma-se na leitura e gosto pela Palavra de Deus como alimento primário da própria fé, retirando dela a experiência de conversão, de perdão, de oração, de caridade, de comunhão, consolação e esperança. Exercita a prática orante da Bíblia pessoal e comunitariamente (Como Maria é discípulo e ouvinte da Palavra).

1.2. Aprende a verdade cristã (Deus, Cristo, Igreja...) no horizonte bíblico, colocando no centro o cristocentrismo trinitário. Ao mesmo tempo reconhece o profundo humanismo da Bíblia.

1.3. Cultiva uma verdadeira “espiritualidade bíblica”: permanente encontro crente com a Bíblia, ao ponto de viver uma mentalidade e um estilo de vida bíblicos (iniciativa é sempre de Deus, o homem é instrumento, a debilidade humana é “eficaz” se conjugada com a força do Espírito...).

2. Mestre (saber)

2.1. Tudo faz para que se dê um encontro com a Palavra de Deus na fé da Igreja: identidade, mistério, encontro, diálogo inter-cultural - **Competências teológico-eclesiais.**

2.2. Procura que a Bíblia se diga genuinamente a si própria: Antigo Testamento, Novo Testamento, páginas difíceis da Bíblia ... - **Competências exegéticas.**

2.3. Tenta sempre que a Palavra do texto se atualize na vida das pessoas: A Bíblia na pastoral e na vida de cada dia... - **Competências hermenêuticas.**

3. Educador (saber fazer)

3.1. Procura adquirir **competências pedagógico-didáticas**, para que aconteça uma mediação válida e eficaz: saber ler, saber interpretar, saber comunicar.

3.2. Sabe colher o **estilo comunicativo de Deus na Bíblia**, fazendo sua, o mais possível, a pedagogia divina.

3.3. Do **serviço profético**, aprende a profunda comunhão com Deus e a profunda solidariedade com o povo, a começar pelos mais débeis e pequenos.

7. Decálogo do Animador

1. AMAR JESUS CRISTO

Mesmo se o animador é tímido ou pouco preparado, este amor transparece e é a primeira condição para sermos testemunhas e não simplesmente mestres.

2. SER AMIGO

Ser amigo significa querer ser amigo. É uma condição a priori: independentemente daquilo que cada membro do grupo seja ou faça. Parte-se sempre do coração. Se somos realmente amigos de cada membro

do nosso grupo recebe-se a maior prenda: a chave do seu coração. Não pode faltar um pouco de “ânsia” missionária: Se alguém não vem: telefonar, ir..., na certeza da presença do verdadeiro Animador.

3. GOSTAR DE ESTAR COM CADA UM E EM GRUPO

Não fazer sentir que estamos com eles por “empréstimo”, ou meias, fisicamente, mas preocupados com mil e uma coisa, sempre mais importantes.

4. NÃO AGIR NUNCA A TÍTULO PESSOAL

Mesmo quando estamos somente com o nosso grupo, representamos em cada momento Cristo, a Igreja, a Comunidade.

5. HÁ POR VEZES QUE “APERTAR OU DESAPERTAR OS ATACADORES DOS SAPATOS”

Implica ajoelhar-se diante de quem faz parte do nosso grupo. Significa dar prioridade a cada um. Nunca te lamentes dos sacrifícios necessários.

6. DEDICAR TEMPO (NUNCA É TEMPO PERDIDO)

As pessoas gostam de estar com quem lhes dedica o seu tempo. Também é verdade que quem se perde normalmente é porque passou muitas horas com as “pessoas erradas” que lhes dedicaram “atenção”.

Dedicar tempo significa “dar valor”, fazer com cada um se sinta especial e interessante.

7. CONHECER CADA UM PELO NOME E PELO APELIDO

Para crescer juntos é essencial conhecer a história de cada um, de que família provém, a cultura, a personalidade. Perceber o cotidiano, os estudos ou trabalho, com os seus sucessos e insucessos.

8. TER UM POUCO DE GARRA E ALEGRIA

Os membros do nosso grupo olham sobretudo para a nossa “veste” quando estamos com eles. A nossa alegria serena contagia-os. Fazemos passar que vivemos a vida, procurando amar e ensinar a amar, sem medo de arriscar.

Há que não ter medo de brincar e fazer “fraca figura” nos convívios ou brincadeiras.

9. TER VONTADE DE MELHORAR SEMPRE

No canto, na dança, no aprender novos jogos, no modo de falar, há que aumentar as nossas competências. Ser um “instrumento” qualificado!

10. PENSAR QUE É MELHOR FAZER “DEMASIADO” DO QUE ARREPENDER-SE DE NÃO TER FEITO O SUFICIENTE

O animador não deve ser nunca uma presença passiva. Não ter medo de lançar-se, mesmo se não se acerta sempre. Quem não age não erra, mas “valha-nos Deus!”

5. Apontamentos Bíblicos

A palavra **Bíblia** é de origem grega e quer dizer livros. O que, aliás, está correto, pois, na verdade, a Bíblia é formada por 73 livros. Escritos em lugares e épocas diferentes. A Bíblia é conhecida ainda por outros nomes, tais como Sagradas Escrituras, Livro Sagrado, Palavra de Deus, etc.

A Bíblia divide-se no Antigo Testamento (46 livros) e Novo Testamento (27). O Antigo Testamento narra a história de um povo escolhido por Deus, o povo de Israel. Durante muitos anos, Deus acompanhou e preparou com carinho esse povo para receber o seu filho Jesus, o Salvador prometido à Humanidade.

O Novo Testamento começa com a vinda de Jesus. Os seus primeiros livros são os Evangelhos, que contam os principais factos da vida de Jesus. Cada um recebeu o nome do autor que o escreveu: São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João. Depois, vêm os Atos dos Apóstolos, que narram o início da história da Igreja. Tem também as epístolas, com destaque para as de **S. Paulo** e encerra com o Apocalipse.

Se a Bíblia é Palavra de Deus, como pode ter sido escrita por homens?

A Sagrada Escritura é o conjunto dos livros escritos por inspiração divina, nos quais Deus se revela a si mesmo e nos dá a conhecer o mistério da sua vontade.

Deus falou aos homens através de outros homens por Ele escolhidos para esse fim, mas **sobretudo por meio de seu Filho, Jesus Cristo** (Heb 1,1-2). Desse modo, **a Palavra de Deus tornou-se linguagem humana**

sem deixar de ser Palavra de Deus, assim como o Filho de Deus se fez homem sem deixar de ser Deus; e sujeitou-se, tal como Ele, às limitações e condicionalismos da palavra humana (Bíblia é Palavra de Deus em linguagem humana). Eis alguns desses condicionalismos a ter em conta:

- **Condicionalismos de tempo:** os livros da Bíblia são fruto do seu tempo. Por isso, se quisermos entender a mensagem de Deus, temos de conhecer o tempo e as circunstâncias históricas em que foi escrito cada um deles.

- **Condicionalismos de espaço:** os livros da Bíblia nasceram em vários lugares geográficos, cada qual com o seu ambiente próprio: uns na Palestina, outros no mundo grego e outros no Império Romano. E um livro também é filho do meio em que nasceu.

- **Condicionalismos de povo:** os livros da Bíblia nasceram quase todos do povo semita, mais concretamente do povo judeu, que tem um modo de pensar e de se exprimir muito diferente do nosso. É preciso conhecê-lo, para entender a Palavra de Deus.

- **Condicionalismos de cultura:** os livros da Bíblia são obra de muitos autores com mentalidade e cultura diferentes, às vezes distanciados entre si por vários séculos. Tudo isso marcou a Bíblia e deve ser tido em conta, pois os autores sagrados, embora escrevessem sob inspiração de Deus, não foram privados da sua personalidade e humanidade.

O documento do Concílio Vaticano II “Dei Verbum” (Palavra de Deus) diz que “a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo de Cristo” (n.º 21).

Para que todos mantenham um contacto íntimo e constante com os Livros sagrados através da leitura assídua, do estudo e da meditação, “porque desconhecer as Escrituras é desconhecer a Cristo” (São Jerónimo), são precisas traduções acompanhadas das notas explicativas correspondentes, em todas as línguas vivas, para que cada um as possa ler na sua língua materna (DV, 25). Porque as ciências bíblicas e da linguagem evoluem, é que vão existindo ao longo dos tempos várias traduções da Bíblia Sagrada, revistas e atualizadas tanto na versão do texto como nas introduções e notas.

A Bíblia começou a ser escrita por volta do ano 1000 antes de Cristo (a.c.) e terminou cerca do ano 100 d.c. . Foi escrita em três línguas: hebraico, aramaico e grego. O Antigo Testamento foi escrito, na sua maior parte, em hebraico. O Novo Testamento foi escrito em grego.

Na época em que a Bíblia foi escrita não existia papel. Ela foi escrita em papiro ou pergaminho (o papiro é uma erva, o pergaminho é uma pele de animal preparada).

Depois do cativeiro babilónico, muitos judeus emigraram da Palestina para o Egipto e para outros lugares e foram esquecendo a língua materna, pois o grego é que era a língua internacional na época da dominação grega. Por isso, no século III a.c. um grupo de sábios (72?) fez a tradução para grego que é chamada “dos setenta”.

Além da tradução grega, houve traduções latinas da Bíblia, por causa da necessidade dos cristãos que falavam o latim e não mais o grego. A mais importante delas, porém, é a Vulgata, nome dado desde o século XIII à versão latina feita por São Jerónimo (347 – 420).

A Bíblia foi impressa pela primeira vez (em latim) por Gutemberg (Mogúncia, 1455).

Como se organizam os livros da Bíblia?

A Sagrada Escritura ou a Bíblia é composta por **73 livros**: 46 do Antigo Testamento (AT) e 27 do Novo Testamento (NT).

O **Antigo Testamento** está dividido em 4 partes: **Pentateuco** (contém 5 livros, é a Torá para os Judeus e significa "Lei": Génesis (Gn) – Origem da vida e da história. Êxodo (Ex) – Deus liberta e forma o seu povo. Levítico (Lv) – Formação de um povo santo. Números (Nm) – A caminho da terra prometida. Deuteronómio (Dt) – Projecto de uma nova sociedade. **Livros Históricos**: A história desde a conquista da terra até o exílio na Babilónia. Josué (Js) – A terra é dom e conquista. Juizes (Jz) – A dinâmica do processo histórico. Rute (Rt) – A luta dos pobres pelos seus direitos. Samuel (1Sm, 2Sm) – A função da autoridade. Reis (1Rs, 2Rs) – Da glória à ruína. Crónicas (1Cr, 2Cr) – Revisão da história do povo. Esdras (Esd) e Neemias (Ne) – Organização da comunidade. Tobite (Tb) – O justo é semente de esperança. Judite (Jdt) – É invencível a força dos fracos. Ester (Est) – O poder a serviço da justiça. Macabeus (1Mc, 2Mc) – 1Mc – Resistir em nome da fé, e 2Mc –A fé leva ao heroísmo. **Livros Sapienciais**: Job (Jb): A verdadeira religião. Salmos (Sl): A oração do povo de Deus. Provérbios (Pr): Deus fala através da experiência do povo. Eclesiastes (Ec): Felicidade é viver o presente. Cântico dos Cânticos (Ct): O mistério do amor. Sabedoria (Sb): A justiça é imortal. Ben Sirá (Sir): A preservação da identidade do povo. **Livros Proféticos**: Isaías (Is): Santidade de Deus. Jeremias (Jr):Uma nova aliança. Lamentações (Lm): Um povo humilhado. Baruc (Br): Arrependimento e conversão. Ezequiel (Ez): Um coração novo. Daniel (Dn): O triunfo do reino de Deus. Oseias (Os): Deus é amor fiel. Joel (Jl): O Dia do julgamento. Amós (Am): Contra a injustiça

social. Abdias (Abd): Contra a falta de solidariedade. Jonas (Jn): Deus não conhece fronteiras. Miqueias (Mq): O direito dos pobres. Naum (Na): A ruína do opressor. Habacuc (Hab): O justo viverá por sua fidelidade. Sofonias (Sf): Os pobres da terra. Ageu (Ag): Reestruturar o Reino de Deus. Zacarias (Zc): Deus continua presente. Malaquias (Ml): Uma religião sincera.

O Novo testamento esta dividido em 4 partes: Evangelho: Mateus (Mt): Jesus, o mestre da justiça. Marcos (Mc): Quem é Jesus? Lucas (Lc): Com Jesus nasce uma nova história. João (Jo): O caminho da vida. **Actos dos Apóstolos:** O Caminho da missão. **Cartas dos Apóstolos:** Romanos (Rm): A Salvação vem pela fé. Coríntios (1Cor e 2Cor): 1Cor: Como superar os conflitos na comunidade. 2Cor: A força manifesta-se na fraqueza. Gálatas (Gl): Da escravidão para a liberdade. Efésios (Ef): Vida plena em Cristo. Filipenses (Fl): O verdadeiro Evangelho. Colossenses (Cl): Cristo, imagem do Deus invisível. Tessalonicenses (1Ts e 2Ts), 1Ts: Fé, amor e esperança, e 2Ts: Resistência no meio dos conflitos. Timóteo (1Tm e 2Tm): 1Tm: Apelo ao discernimento, e 2Tm: Combater o bom combate. Tito (Tt): Expressar a fé na vida. Filémon (Fm): Em Cristo todos são irmãos. Hebreus (Hb): Cristo é o único sacerdote verdadeiro. Tiago (Tg): A fé é a prática da justiça. Pedro (1Pd e 2Pd): 1Pd: Um lar para quem não tem casa, e 2Pd: Perseverar na esperança. João (1Jo, 2Jo e 3Jo); 1Jo: O dinamismo da fé é o amor. 2Jo: Viver na verdade, e 3Jo: Cooperadores da verdade. Judas (Jd): Não desanimar na fé. **Apocalipse** (de São João): A coragem do testemunho.

Para além do Arcebispo, D. Jorge Ortiga, colaboraram na redação deste caderno: Pe. Sérgio Torres, P. João Alberto Correia, Pe. Hermenegildo Faria, Pe. João Aguiar Campo, Pe. Tiago Freitas e D. Nuno Almeida, Bispo Auxiliar.

